

CIBERCULTURA:

Tensão entre as vozes da dominação e as vozes da emancipação

Vâner Lima¹

Resumo

Este trabalho tem por objetivo promover uma reflexão acerca das dinâmicas do compartilhamento de informações, interconexão e interatividade no ciberespaço, potencializadas pelo desenvolvimento e divulgação das tecnologias informacionais em rede, o fenômeno propicia uma tensão: de um lado, o movimento da “cultura livre” que na esteira dos discursos tecnófilos e libertários, alardeia que a internet é uma revolução que pela primeira vez na história oferece à humanidade a possibilidade de participação do processo de construção e intercâmbio global de informações. Por outro lado, observa-se a ascensão de movimentos imbuídos em estabelecer o controle e a censura (SOPA / PIPA) no ciberespaço, cerceando o libertarismo propagado pelos agentes articuladores. Pelo olhar da Teoria Crítica, percebe-se que a tensão entre a cultura livre e os movimentos de controle, camuflam uma realidade muitas vezes invisível: a internet nada mais é que uma ferramenta de reprodução sofisticada e hipnótica a serviço do grande capital.

Palavras-chave: Cibercultura; Cultura Livre; Poder; Controle.

¹ Mestrando do curso de Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista - UNIP, e-mail: vannerlima.ifet@gmail.com;

O advento do capitalismo industrial

O mundo tem passado por várias mudanças nas relações entre as nações, iniciadas pela Revolução Industrial no Reino Unido do século XVIII, onde o trabalho artesanal é substituído pelo trabalho maquinal, difundido por todo o planeta no século XIX. A partir disso, transformações aconteceram, como o surgimento de novas relações comerciais, e o liberalismo econômico, sob o predomínio do regime capitalista. A máquina a vapor, a fiadeira, o processo Cort em metalurgia foram os precursores dessa nova fase.

No surgimento do capitalismo, o sistema operou em uma sociedade de classes, na medida em que os indivíduos menos abastados, não desfrutavam da maior parte dos benefícios advindos das transformações tecnológicas e econômicas da época. Para Hobsbawm

A grande revolução de 1789-1848 foi o triunfo não da "indústria" como tal, mas da indústria capitalista; não da liberdade e da igualdade em geral, mas da classe média ou da sociedade "burguesa" liberal; não da "economia moderna" ou do "Estado moderno", mas das economias e Estados em uma determinada região geográfica do mundo (parte da Europa e alguns trechos da América do Norte), cujo centro eram os Estados rivais e vizinhos da Grã-Bretanha e França. A transformação de 1789-1848 é essencialmente o levante gémeo que se deu naqueles dois países e que dali se propagou por todo o mundo (HOBSBAWM, 2009, p. 02).

O mundo havia se transformado, as relações entre as nações eram cada vez mais constante e próxima. As máquinas dão uma nomenclatura diferente para o antigo trabalhador camponês ou artesão, ele agora passa a ser chamado de operário, o trabalhador fabril, responsável por manusear os novos aparatos tecnológicos da época. O impacto nos processos produtivos, sociais e econômicos foram assustadores. O trabalho da máquina superou o esforço humano, desencadeando na produção em larga escala de artigos comercializáveis.

O trabalhador camponês se viu obrigado a ter de trabalhar na indústria, durante períodos exaustivos e em condições insalubres. A vida nas fábricas tornou pessoas como crianças e mulheres operários comuns. Essas pessoas ficavam praticamente o dia inteiro

diante do perigo de acidentes fatais, e o pior, sem direitos trabalhistas. Tudo isso em favor do novo modelo de negócio, surgido para alavancar a economia e gerar lucros para a classe burguesa.

Foram, de fato, “revoluções” no sentido de que um grande aumento repentino e inesperado de aplicações tecnológicas transformou os processos de produção e distribuição, criou uma enxurrada de novos produtos e mudou de maneira decisiva a localização das riquezas e do poder no mundo, que, de repente, ficaram ao alcance dos países e elites capazes de comandar o novo sistema tecnológico. O lado escuro dessa aventura tecnológica é que ela estava irremediavelmente ligada a ambições imperialistas e conflitos interimperialistas (CASTELLS, 1999, p. 71).

O início da industrialização foi marcado em desfavor dos seus primeiros trabalhadores. Em decorrência da industrialização, podemos destacar o surgimento do fenômeno da cultura de massa, iniciado na metade do século passado. Que tem por definição o total de ideias, perspectivas, atitudes, dentre outros aspectos, da maior parte da população de uma dada sociedade, geralmente as de cultura ocidental, fortemente influenciada pela mídia de massa.

A cultura de massa, moldada pela mídia também de massa, foi um dos fatores que levaram à rápida transformação das principais economias mundiais, e as mudanças nas relações comerciais entre os próprios países ricos e destes com os países do hemisfério sul do globo. A relação de dominação entre as nações ricas e as pobres ficou cada vez mais forte, com a internacionalização de grandes empresas, agora chamadas de multinacionais. Marcas poderosas, como a do refrigerante Coca-Cola puderam ser comercializadas em qualquer parte do mundo.

A relação entre o consumo de determinados produtos está diretamente relacionada à sua veiculação na mídia de massa, que passa a ser a vendedora de sonhos, a normalizadora de atitudes em qualquer lugar que se esteja. O sentido da palavra massa é traduzido aqui, como se os indivíduos não tivessem opiniões próprias e consumissem as demandas ofertadas pelo mercado, abduzidas pela publicidade do suporte eletrônico, principalmente a televisão, com seu poder visual de hipnose.

Capitalismo informacional na sociedade do conhecimento

O capitalismo como o conhecido desde a Revolução Industrial não é o mesmo de antes. O trabalho na indústria deixou de ser o centro das atenções, os olhares estão voltados agora para algo imensurável: o conhecimento. Vivemos uma época de transformações sociais, produtivas e econômicas, assim como houve quando a máquina a vapor era a força motriz desencadeadora de novas possibilidades.

O saber tornou-se a nova roda giratória da economia, na qual as corporações capitalistas estão usurpando o direito de privar as pessoas dos saberes ditos coletivos. “Uma autêntica economia do conhecimento corresponderia a um comunismo do saber no qual deixam de ser necessárias as relações monetárias e as de troca”. (GORZ, 2005, p. 10). Gorz alerta para o uso comercial do que deveria ser gratuito e público, o autor ainda ressalta que “para ser vendido como mercadoria e aproveitado como capital, o conhecimento deve se transformar em propriedade privada e tornar-se escasso” (GORZ, 2005, p. 10).

A partir da segunda metade do século XX, novas tecnologias são criadas, o computador pessoal é a máquina que se difunde nos anos 1990, mas é a partir dos anos 2000, que o uso desse aparelho é feito em larga escala, com o advento da Internet, o sistema de integração contemporâneo.

As transformações são extremamente rápidas, as notícias são divulgadas quase que instantaneamente, o poder do comércio é multiplicado, com o *e-commerce*, as transações bancárias são feitas em tempo real de qualquer parte do mundo.

O consumo de produtos e informações que já aconteciam antes, agora passa a ter um poder incomensurável. Surgem também, novas possibilidades de difusão do conhecimento, tudo o que antes estava apenas nos livros, revistas e outros suportes, agora pode estar disponíveis, na rede eletrônica informacional.

Até a década de 90 a relação entre a mídia e as pessoas, era tida como de um para todos, porém, com a Internet e o computador, essa relação é designada por grande parte dos pensadores da comunicação, como uma relação de todos para todos. Segundo (LÉVY, 1999) A interatividade, conecta pessoas de qualquer parte do mundo, dando voz a quem tiver acesso às redes informacionais.

Em meio às transformações por qual o mundo está passando, com o advento da Internet e do acesso rápido as informações disponíveis na rede. A informação ganha destaque neste novo cenário, o que pode acarretar profundas mudanças na legislação sobre o assunto, essas alterações podem ser benéficas ou não para a maior parte das pessoas, depende de como os legisladores serão influenciados nas suas atitudes.

A sociedade do conhecimento para Castells “uma nova economia surgiu em escala global no último quartel do século XX. Chamo-a de informacional, global e em rede para identificar suas características fundamentais e diferenciadas e enfatizar sua interligação” (CASTELLS, 1999, p.119). As transformações sociais com o advento das tecnologias para uso universal, como o celular e o computador, foram significativas para que essa nova ordem mundial se propagasse em tão pouco tempo. O uso diário desses aparelhos modifica o modo como as indivíduos e as corporações se comportam, alterando profundamente a vida comum e o mundo dos negócios.

Para Castells essa nova economia

É informacional porque a produtividade e a competitividade de unidades ou agentes nessa economia (sejam empresas, regiões ou nações) dependem basicamente de sua capacidade de gerar, processar e aplicar de forma eficiente a informação baseada em conhecimentos (CASTELLS, 1999, p. 119).

A economia informacional é o diferencial no mercado e na vida dos indivíduos, nas estratégias voltadas para o público, de forma que ele seja levado a conhecer os benefícios de determinado produto, influenciando-o na sua decisão final de compra. O poder da mídia é um dos fatores que influenciam diariamente as pessoas em todo o planeta, a informação chega aos lares dos países centrais e periféricos com o objetivo

principal de cooptar novos consumidores e fazê-los público fiel perante aos seus produtos difundidos por celebridades advindas principalmente da indústria cinematográfica.

Mais uma vez a mídia realiza o papel de mediador entre a indústria e as pessoas comuns, na medida em que o autor se propõe a descrever a economia da sociedade do conhecimento. Para Castells a nova economia

É global porque as principais atividades produtivas, o consumo e a circulação, assim como seus componentes (capital, trabalho, matéria-prima, administração, informação, tecnologia e mercados) estão organizados em escala global, diretamente ou mediante uma rede de conexões entre agentes econômicos (CASTELLS, 1999, p. 119).

O consumo das atividades produtivas está disponível a qualquer pessoa, não importa onde ela esteja, quando o produto divulgado pela mídia TV, rádio e Internet não é comercializado em âmbito local, basta estar conectado à rede mundial de computadores, lá você pode encontrar e encomendar para satisfazer seu consumo, praticamente tudo o que é produzido no mundo. Os agentes econômicos trabalham para que tudo esteja ao seu alcance, desde que se possa pagar por tais produtos ou serviços.

Por último Castells afirma que a nova economia

É rede porque, nas novas condições históricas, a produtividade é gerada, e a concorrência é feita em uma rede global de interação entre redes empresariais. Essa nova economia surgiu no último quartel do século XX porque a revolução da tecnologia da informação forneceu a base material indispensável para a sua criação (CASTELLS, 1999, p. 119).

As informações pessoais e coletivas disponíveis na rede são acessadas conforme o interesse das corporações, que se utilizam dessa prerrogativa para aumentar os lucros dos seus negócios. Informação, Globalização e Rede são aspectos inerentes ao processo atual da cibercultura. A relação entre essas três vertentes são consolidadas a partir da mídia, o agente de ligação entre os diversos atores envolvidos, como os governos, magnatas industriais e nós, cidadãos comuns. O capitalismo se consolida nos moldes atuais com a ajuda midiática da televisão e do rádio, e mais recentemente com o poder da Internet.

A Internet tornou-se o espaço instantâneo das conexões, sejam elas entre qualquer indivíduo. Uma vertente utilizada para disseminar a conexão no ciberespaço são as chamadas comunidades virtuais, nelas

escrevem-se palavras num *écran* para contar anedotas, discutir, envolver-se em dialéticas intelectuais, negociar, trocar conhecimentos e apoio emocional, fazer planos e *brainstorming*, contar mexericos, apaixonar-se, fazer amigos e perdê-los, jogar, namorar, criar algumas obras-primas e produzir muita conversa fiada. As pessoas das comunidades virtuais fazem tudo o que as pessoas na vida real fazem, mas estão desprendidas dos seus corpos. Claro que não se pode nem beijar nem esmurrar o nariz a ninguém, embora muito possa acontecer dentro desses limites. Milhões de pessoas sentem-se atraídas, mesmo viciadas, pelas comunidades unidas por computador. (RHEINGOLD, 1996, p. 15/16).

Para Rheingold podemos transportar para o ambiente virtual, várias tarefas e/ou ações do mundo real. Como estudar, conversar com pessoas distantes, fazer negócios, apaixonar-se, tudo isso, sem necessariamente estar próximo, essas atividades podem ser feitas há quilômetros de distância, de qualquer parte do globo. Para o autor, a perda do corpo no espaço virtual é uma trajetória que beneficia os indivíduos, com o encurtamento das distâncias, a presença em qualquer parte do globo terrestre por meio da conexão nas comunidades ditas virtuais.

Sonhos e desejos são transportados para o espaço virtual. Através de chats, fotos, vídeos e outras formas de interatividade, os indivíduos ficam fascinados por estarem compartilhando o seu tempo na frente do computador com outros de diversas partes do mundo. A presença física é um detalhe que pode ser deixado para o futuro, ou nem mesmo cogitado entre as partes. As relações são mediadas conforme o nível de interesse entre os usuários. Caso não haja afinidade, basta deletar, excluir ou simplesmente ignorar temas, usuários e comunidades.

A Internet mudou tanto as relações, que a mesma não está mais apenas disponível nos computadores, ela se encontra nos nossos aparelhos celulares mais modernos, além dela, esses equipamentos carregam embutidos em si, televisão, rádio, games, calculadora, despertador, dentre tantas outras infinitudes de opções de interatividade entre o homem e

a máquina. A convergência está cada vez mais perto e presente das nossas ações diárias, uma das que frequentemente temos à disposição é o envio de mensagens pelo celular, o chamado SMS. Para Jenkins a convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica. A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. (JENKINS, 2009, p. 43). O autor ainda diz que:

A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. Lembrem-se disso: a convergência refere-se a um processo, não a um ponto final. Não haverá caixa preta que controlará o fluxo midiático para dentro de nossas casas. Graças à proliferação de canais e à portabilidade das novas tecnologias de informática e telecomunicações, estamos entrando numa era em que haverá mídias em todos os lugares (JENKINS, 2009, p. 43).

A convergência não é algo que vai acontecer um dia, quando tivermos banda larga suficiente ou quando descobirmos a configuração correta dos aparelhos. Prontos ou não, já estamos vivendo numa cultura da convergência (JENKINS, 2009, p. 43). Jenkins vê a convergência como um fator determinante na alteração da construção da notícia, que passa a ser produzida também pelas pessoas comuns, sendo necessário apenas estar de posse de algum recurso tecnológico, o mais comum sendo o celular.

A notícia tendo como fonte principal, indivíduos, fez o autor pensar a mídia tradicional como algo que entra fase de extinção, após a convergência aproximar as pessoas comuns da produção de notícias. Vídeos estão entre os casos cotidianos desse novo tipo de produção. Temas envolvendo celebridades, desastres naturais, sequestros, e tantos outros tipos de eventos que podem aparecer na mídia e serem de interesse de uma parte considerável da coletividade, são produzidos e disponibilizados por seus autores, são também utilizados na grande mídia tradicional, como fonte de informação.

As redes de computadores respondem a todas as características humanas que as redes de TV desafiam. Elas permitem a interatividade de pessoa a pessoa, em lugar das transmissões *top-down*. Em vez de uns poucos “canais”, as redes de computadores oferecem tantas conexões potenciais quantas são as máquinas interligadas à rede. Em vez de um sistema em que umas poucas “estações” despejam imagens em milhões de terminais burros, em tempo real, as redes de computadores põem o cliente no comando, sem aceitar passivamente o que está no “ar”, mas procurando ativamente o que lhe interessa e até moldando as preferências dos clientes. (GILDER, 1996, p.13)

A TV morrerá por afrontar a natureza humana: a vontade de auto-aperfeiçoamento e autonomia que tirou a raça humana da sordidez e oferece a única promessa de triunfo em meio às atuais adversidades (GILDER, 1996, p. 13). As afirmações de Gilder vão ao encontro dos dois autores citados anteriormente. A Internet para ele desafia a lógica do tempo e espaço, perfazendo um caminho novo, rumo às conexões vindas das diversas vozes emanadas da sociedade, ou seja, qualquer um pode estar no comando, sem necessariamente ser parte da mídia tradicional, como as televisões.

A utopia cibernética

Em 1945, quando a Segunda Guerra Mundial acabou, países inteiros estavam sob seus próprios escombros, a humanidade estava totalmente traumatizada com tantas mortes e devastação. Uma nova forma de enxergar o mundo era preciso, uma esperança tinha que ser lançada àqueles que sentiram o poder de dilaceração trazida pelo maior confronto mundial. Eis que surge a cibernética, criada por Norbert Wiener no início da década de 40, essa teoria acreditava em uma nova sociedade mundialmente integrada e sem segredos.

Naquele momento, nada poderia parecer mais justo, do que as noções de transparência e unificação entre os países, nas áreas sociais, militares, científicas, políticas, cultural e econômica. Wiener era um matemático norte-americano, a ideia dele era tornar a comunicação o vetor central, para que não se fizesse o “uso não humano dos seres humanos”, vivenciado principalmente nos países de regimes fechados e ditatoriais, era o que ele chamava de “entropia”, ou seja, doenças que atacam as sociedades poderiam e deveriam ser evitadas através da liberdade na comunicação.

Norbert Wiener é o criador da cibernética, que engendrou na cibercultura que conhecemos atualmente. As ideias deste estadunidense são as raízes do pensamento contemporâneo sobre informação e comunicação. Wiener acreditava que a comunicação seria a forma de combater os males da sociedade. A comunicação é concebida por ele

como um ato de transparência, em que nada deve ser mantido em segredo, para que as decisões sobre atos que impliquem ao corpo social, não fossem centralizadas.

Para Wiener a sociedade precisava de uma revolução, que só poderia ser realmente feita a partir da comunicação, o único meio pelo qual novas perspectivas poderiam ser elaboradas. A comunicação seria eleita a organizadora da sociedade, enquanto a entropia teria o sentido contrário.

A máquina tem um papel fundamental neste processo comunicacional em que Wiener (1978) descreve-a como um elemento capaz de resistir a entropia, e assim, nos ajudar com o desenvolvimento da transparência necessária para acabar com o atrofiamento social. O autor também levanta a questão do uso não-inteligente de máquinas inteligentes, em que o homem pode usar a máquina em detrimento da sociedade.

O termo cibernética é derivado da palavra *kubernétikê*, com o significado de governar, pilotar, ou a arte de governar, a arte de pilotar. Wiener se propôs a criar esse termo para nomear sua ideia sobre a sociedade idealizada.

A tese deste livro é a de que a sociedade só pode ser compreendida através de um estudo das mensagens e das facilidades da comunicação de que disponha; e de que, no futuro desenvolvimento dessas mensagens e facilidades de comunicação, as mensagens entre o homem e a máquina, e entre a máquina e a máquina, estão destinadas a desempenhar papel cada vez mais importante. (WIENER, 1978, p. 16).

O termo agrega suas ideias relativas às mensagens, máquinas, sociedade, linguagens, computadores, psicologia e sistema nervoso etc.. Wiener coloca a máquina como um divisor de águas, para a compreensão da sociedade, destacando seu papel de unir as pessoas, facilitando suas interações e entendimento.

A entropia da sociedade, ou seja, a sua degradação natural, segundo Wiener, deveria ser combatida pela comunicação e o controle. Para acabar com essa tendência atrofiadora, as soluções encontradas são originárias da termodinâmica.

Para a lei da termodinâmica o universo e todos os outros sistemas físicos, evoluem para a máxima entropia, isso ocorre naturalmente, destruindo-se pelo absoluto nivelamento dos seus componentes. Como não há heterogeneidade, as trocas entre os elementos não existem e o sistema cessa e morre. (WIENER, 1978, p. 14).

Wiener afirmar que para combater a entropia é necessário promover continuamente a livre circulação de informações. Para evitar o caos social o autor afirma “assim como a entropia é uma medida de desorganização, a informação conduzida por um grupo de mensagens é uma medida de organização” (ibid., p. 21).

É consensual entre governos, empresas multinacionais e também para muitos pensadores tecnófilos quanto aos benefícios que a tecnologia trouxe para a vida cotidiana das pessoas. O pensamento dominante é o de que a liberdade permeia a cibercultura. Pierre Lévy é um dos expoentes do pensamento positivista tecnológico, segundo o mesmo,

A cibercultura aponta para uma civilização da telepresença generalizada. Para além de uma física da comunicação, a interconexão constitui a humanidade em um contínuo sem fronteiras, cava um meio informacional oceânico, mergulha os seres e as coisas no mesmo banho de comunicação interativa. A interconexão tece um universal por contato (LÉVY, 1999, p. 127).

As empresas de tecnologia vendem essa ideia de uma vida melhor, com mais facilidades, aprendizado rápido e compartilhamento do conhecimento, e os governos e pensadores adotam esse pensamento como ideologia, reforçando o uso potencial dos aparelhos desenvolvidos para uso doméstico.

No Brasil, um dos principais pesquisadores sobre a cibercultura, o professor André Lemos, acompanha as ideias do francês Pierre Lévy, segundo o pesquisador brasileiro,

O que chamamos de novas tecnologias de comunicação e informação surge a partir de 1975, com a fusão das telecomunicações analógicas com a informática, possibilitando a veiculação, sob um mesmo suporte – o computador -, de diversas formatações de mensagens. Esta revolução digital implica, progressivamente, a passagem do *mass media* (cujos símbolos são a TV, o rádio, a imprensa, o cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação (LEMOS, 2002, p. 68).

Aqui a circulação de informações não obedece à hierarquia da árvore (um-todos), e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos) (LEMOS, 2002, p. 68). Para Lemos e para esses demais pensadores contemporâneos, as novas tecnologias da informação, são os suportes que trazem no seu bojo, uma nova estrutura comunicacional, onde os indivíduos comuns não são mais, apenas vozes inaudíveis, no processo de emissão de conteúdo, mas passam a ter uma participação ativa na construção das informações transmitidas pela rede.

As transformações tecnológicas puderam criar interatividade entre os participantes do processo informacional. Pessoas que antes apenas recebiam as informações, agora passam a transmiti-las de qualquer parte em que estiver para qualquer outro ponto do planeta. Isso, para muitos dos pensadores contemporâneos, é o sinônimo de liberdade, no sentido *latu sensu*.

Não há mais sujeito ou substância pensante, nem “material”, nem “espiritual”. O pensamento se dá em uma rede na qual neurônios, módulos cognitivos, humanos, instituições de ensino, línguas, sistema de escrita e computadores se interconectam, transformam e traduzem representações (LÉVY, 1992, p.135).

O conceito de Rede é o de que todos estão interligados, e cada um pode ser agente de fluxo comunicacional, operando essas informações a partir de um suporte tecnológico (CASTELLS, 1999). A partir dessa premissa de interconexão entre os usuários, a partilha de conhecimento é uma das garantias defendidas por muitos. Acreditam fielmente que o conhecimento está ao alcance de quem dispuser das ferramentas necessárias para se conectar, ou seja, um computador com softwares e uma linha de Internet.

A interatividade é um dos principais fatores que levam ao livre fluxo da informação, segundo autores como Lévy (1992), Castells (1999) e Lemos (2002). Esses pensadores levam boa parte do pensamento do pai da cibernética, Wiener em seus estudos. Para Wiener, o livre fluxo de informação traria a cura para a entropia da sociedade, livrando-a de seus males e dando oportunidade para o controle social. Esse pensamento de Wiener não precisa ser atualizado, sendo que a liberdade através da tecnologia é um dos assuntos mais emergentes na Internet.

Tensão na era cibercultural

O crescimento do uso das tecnologias pelos usuários comuns é visto como algo positivo, uma forma de cooperação entre as pessoas conectadas à rede mundial de computadores. A interatividade é considerada algo que pode mudar o rumo de países com regimes ditatoriais, mudar os rumos educacionais, e também os relacionados às afetividade e ao vínculo familiar. Segundo o pesquisador brasileiro André Lemos,

O desenvolvimento tecnológico, longe de ser apenas agente de separação, de alienação e de esgotamento de formas de solidariedade sociais, pode servir como vetor de *reliance*, como instrumento de cooperação mútua e de solidariedade múltiplas. (LEMOS, 2002, p. 20)

Rede de compartilhamento, de colaboração e cooperação é algo visivelmente difundido entre grande parte dos pesquisadores da cibercultura, pelas mídias mais comuns, como a televisão e a própria Internet. Crê-se numa mobilização entre os usuários, para o bem comum, difundindo conhecimento ao alcance de qualquer um.

Para Josgrilberg:

Há, evidentemente, riscos em todo o movimento de incorporação das TIC (tecnologias de informação e comunicação) ao espaço urbano. A participação ou não nos fluxos informacionais, determinada em parte pela exclusão digital, aprofunda a exclusão social. O tal mundo conectado também fornece as condições necessárias para uma cultura de consumo a qualquer hora e de qualquer lugar, consequentemente alimentando um individualismo míope, impondo determinadas racionalidades técnicas que limitam a compreensão mais complexa da realidade e, em vários casos, aceleram a devastação ambiental — vide a questão do consumo energético (JOSGRILBERG, 2010, p.159).

O autor citado anteriormente revela uma preocupação com alguns possíveis desdobramentos que podem acontecer com o uso das tecnologias. É uma preocupação que vários teóricos tem: quais os efeitos colaterais que se pode provocar pelo uso massivo das tecnologias da informação e comunicação?

Em relação à convergência, nem todos são a favor dessa troca de informações e conteúdos na rede. As grandes empresas, como as indústrias da música, filmes e livros,

8o. Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero
<http://www.casperlibero.edu.br> | interprogramas@casperlibero.edu.br

estão cercando os governos, para que os mesmos enrijeçam as leis que protegem conteúdos patenteados, ou seja, sob *copyright*. Direitos do Autor não são necessariamente o mesmo que copyright em inglês. O sistema anglo-saxão do copyright difere do de direito de autor, conforme consulta ao *Wikipédia*

O fato de que o Direito Autoral tem por escopo fundamental a proteção do criador e ao contrário o copyright protege a obra em si, ou seja o produto, dando ênfase à vertente econômica, à exploração patrimonial das obras através do direito de reprodução. No efetramento do direito de reprodução, o titular dos direitos autorais poderá colocar à disposição do público a obra, na forma, local e pelo tempo que desejar, a título oneroso ou gratuito.²

Desde a disponibilização da Internet a usuários comuns, existe uma tensão crescente, em torno dos conteúdos disponibilizados na rede. Gigantes das indústrias travaram uma verdadeira guerra contra pessoas comuns, como eu e você, por qual motivo? A transferência de arquivos sob *copyright*, segundo os emissários da luta contra a pirataria, estão violando as Leis e ferindo brutal e injustamente as receitas provenientes dos conteúdos protegidos.

Existe um verdadeiro embate, conforme a reportagem da revista Carta Capital, de 29 de janeiro de 2012. Segundo a publicação, a guerra travada tem dois endereços: Hollywood e o Vale do Silício, ambos nos Estados Unidos. Eles são divididos entre associações de produtoras, gravadoras e tevês a cabo e associações de artistas, cineastas, atores e técnicos, além da Câmara de Comercio dos EUA e a Central Sindical AFL-CIO no primeiro grupo, já no segundo encontram-se empresas como o Google, Yahoo, Mozilla, Facebook, eBay, American Express, Reddit, Foursquare, Twitter, a fundação Wikipédia, associações de ativistas digitais e organizações de defesas de direitos civis, segundo a Carta Capital, de ambos os lados há democratas e republicanos, conservadores e liberais, esquerda e direita.

² DIREITO AUTORAL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2012. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Direito_autoral&oldid=31434517>. Acesso em: 4 ago. 2012.

Porém, o conflito não gira em torno apenas dos conteúdos patenteados, mas também em torno das novas dinâmicas de compartilhamento de arquivos criados independentemente da indústria do entretenimento, conteúdos próprios e são difundidos gratuitamente pela Internet. A partir dessa premissa, a indústria de conteúdos comerciais, viu seu rendimento encolher, tendo em vista, os novos caminhos estabelecidos com o chamado *copyleft*, que

é uma forma de usar a legislação de proteção dos direitos autorais com o objetivo de retirar barreiras à utilização, difusão e modificação de uma obra criativa devido à aplicação clássica das normas de propriedade intelectual, exigindo que as mesmas liberdades sejam preservadas em versões modificadas³.

A Internet é ambígua, apesar de ter nascido para fins bélicos, ela é vista como algo que pode mudar positivamente as desigualdades existentes. Pessoas como Lawrence Lessig, o criador do sistema *copyleft* tentam torná-la um espaço mais democrático e livre. Apesar do controle exercido pelos governos e também pelo controle que podem vir a exercer, se é que não exercem sem o nosso conhecimento, o ciberespaço, o espaço virtual, ou como queiram chamar isso que é promovido pela Internet, facilitou o acesso há uma gama de conteúdos educativos.

Mas apesar da disponibilização dos conteúdos educativos gratuitamente, a Internet criou de certa forma, uma aproximação maior junto a todos nós, tornando-nos cada vez mais dependentes dela, o que é o motivo da nossa reflexão exposta neste artigo. Essa dependência é benéfica até que ponto? Essa pergunta que faço, dentre tantas outras que podemos fazer, depois da emergência dessa relação imposta pela força da tecnologia, ou quem sabe pela nossa fraqueza por ela.

³ COPYLEFT. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2012. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Copyleft&oldid=31609425>>. Acesso em: 4 ago. 2012.

Referências

ABRAHÃO, Sérgio Luís. **Espaço Público - do urbano ao político**. SP : Annablume, 2008.

ANDRADE, Cândido Teobaldo de Souza. **Curso de relações públicas: relações com os diferentes públicos**. 6. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: as técnicas de jornalismo**. São Paulo: Ática, 1992.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação – economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAZELOTO, Edilson. **A idéia de democracia nas políticas de disseminação da Internet: uma análise do “Livro Verde da Sociedade da Informação no Brasil”**. 2003. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica)-Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

CAZENEUVE, Jean - (Dir.) **Guia Alfabético das Comunicações de Massas Lisboa**, edições 70, Col. Lexis, 1976

FREIRE, F de S; REBOUÇAS, T da S. **Uma Descrição Sucinta do Balanço Social Francês, Português, Belga e Brasileiro** In: SILVA, César Augusto Tibúrcio; FREIRE, Fátima de Souza. **Balanço Social: Teoria e Prática**. São Paulo: Atlas 2001.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GILDER, George F. **A vida apos a televisão**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

GILMOR, Dan. **Nós, os media**. Lisboa: Presença, 2005.

GONTIJO, Murilo M. **Contribuição à Construção de uma Perspectiva Híbrida para o Jornalismo Contemporâneo**. Texto apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação-Salvador/BA-1º a 5 de setembro de 2002.

GORZ, André. **O Imaterial: conhecimento, valor e capital**. São Paulo: Anna Blume, 2005

8o. Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero
<http://www.casperlibero.edu.br> | interprogramas@casperlibero.edu.br

HABERMAS, Jurgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. RJ: Tempo Universitário, 1984.

HASWANI, Mariângela. **Comunicação pública e as novas dimensões para as relações públicas**. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling; KUNSCH, Waldemar Luiz. **Relações públicas comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora**. São Paulo: Summus, 2007.

HOBSBAWM, Eric J. **A era das revoluções – 1789 – 1848**. São Paulo, Paz e Terra, 2009.

HOKHEIMER, M. **Teoria tradicional e teoria crítica. Os pensadores**. São Paulo, Abril Cultural, 1980.

HOUAISS, A. & VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo, Editora Aleph, 2009.

JARDIM, José Maria. **Transparência e opacidade do estado no Brasil: usos e desusos da informação governamental**. Niterói: EdUFF, 1999.

JOSGRILBERG, Fábio B. **A opção radical pela comunicação na cidade**. In: SILVEIRA, Sérgio Amadeu (org.). **Cidadania e redes digitais**. São Paulo: Maracá – Educação e Tecnologias, 2010.

KUNSCH, Margarida M. Krohling. **Relações Públicas e Modernidade – Novos Paradigmas na Comunicação Organizacional**. 3 Ed. Editora Summus, SP.

LEMOS, André, **Cibercultura. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea.**, Porto Alegre, Sulina, 2002.

LEVY, Pierre. **A Conexão Planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. Pierre. **As tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo. Editora 34. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2004.

_____. Pierre. **Cibercultura** (trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1999, 264p.

_____. Pierre & LEMOS, André. **O Futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.

MATOS, Heloíza. **Comunicação Pública – Democracia e Cidadania: o caso do legislativo**. Artigo apresentado no GT de Relações Pública do XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM, Rio de Janeiro, 1999.

MENEZES, Estera; SILVA, Edna. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3^o ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. Editora Cultrix, São Paulo, SP.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. Editora Contexto, São Paulo, 2002.

NOBRE, M. **A teoria crítica**. Rio de Janeiro, Zahar, 2004.

PEIXE, Blênio César Severo. **Finanças Públicas: controladoria governamental**. 1. ed. Curitiba: Juruá, 2002.

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. Lisboa: Gradiva, 1996.

RUDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. **Introdução às Teorias da Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SANTOS, José Rodrigues dos. **O que é Comunicação**. Lisboa, Difusão Cultural, 1992 - pp 9-11.

SANTOS, Laymert Garcia dos. **Politizar as novas tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

SFEZ, Lucien. **Crítica da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1994.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Poder e anonimato na sociedade de controle**. In: SILVEIRA, Sérgio Amadeu (org.); JOSGRILBERG, Fábio B. (org) **Tensões em Rede: os limites e possibilidades da cidadania na Internet**, São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2012.

SUNDAR, S. S. **Theorizing interactivity's effects**. The Information Society. v.5 n° 20. 2004. P. 385-389.

TINOCO, João Eduardo Prudêncio. **In Balanço social: balanço da transparência corporativa e da concentração social**. Revista Brasileira de Contabilidade n. 135 – maio/junho 2002. p. 62

TRISTÃO, Gilberto. **Transparência na Administração Pública**. Artigo apresentado no VII Congresso Internacional del CLAD sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública, Lisboa, Portugal 8-11 Out. De 2002.

TRIVINHO, Eugênio. **A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada**. São Paulo: Paulus, 2007.

VIRILIO, Paul. **A Arte do Motor**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2011.

_____. **Cibermundo: a política do pior**. Lisboa: Teorema, 2000.

Sites

ALONSO, Rita. **Quando o Líder Vira Jardineiro, Segurança...** Disponível em <<http://www.ritaalonso.com.br>>. Acesso em: 11 jul. 2012.

BRASIL. **Ministério da Educação e Cultura**. Museu da Imprensa Nacional. Disponível em: <http://museudaimprensa.in.gov.br>. Acesso em: 14 abr. 2012.

_____. **Controladoria-Geral da União**. Disponível em <<http://www3.transparencia.gov.br/>>. Acesso em 20 ago. 2012.

_____. **Controladoria-Geral da União**. Disponível em <<http://www.acessoinformacao.gov.br/acessoinformacaogov/>>. Acesso em 08 set. 2012.

CAZELOTO, Edilson. **Apontamentos sobre a noção de “Democratização da Internet”**. In: TRIVINHO, Eugênio (org.); CAZELOTO, Edilson (org) A cibercultura e seu espelho: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da dimensão interativa, São Paulo: ABCiber; Instituto Itaú Cultural, 2009. Disponível em: <<http://www.abciber.org/publicacoes/livros1>>. Acesso em 10 mar. 2012.

COPYLEFT. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2012. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Copyleft&oldid=31609425>>. Acesso em: 4 ago. 2012.

DIREITO AUTORAL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2012. Disponível em:

8o. Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero
<http://www.casperlibero.edu.br> | interprogramas@casperlibero.edu.br

<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Direito_autoral&oldid=31434517>. Acesso em: 4 ago. 2012.

KIOUSIS, S. **Interactivity: a concept explication**. New Media & Society. vol. 4. SAGE Publications. 2002. PP. 355-383. Disponível em: <<http://nms.sagepub.com/>>

MARQUES, Éder L.. **Eficaz ou eficiente? Saiba a diferença**. Disponível em <http://administrando.net>. Acesso em: 13 jul. 2012.

SOUSA, Jorge Pedro. **Jornalismo on-line**. Disponível em <<http://www.ipv.pt/forumedia/5/13.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2012.

SERGIPE. Imprensa Oficial. **Imprensa Oficial do Estado de Sergipe**. Disponível em <<http://pt.io.gov.mo/Links/record/502.aspx>>. Acesso em: 22 mar. 2012.